

PONTOS DE MATENÓIA PARA REFORMAR O PENSAMENTO DA EDUCAÇÃO NA HIPERMODERNIDADE

Haleks Marques Silva (UFT)

halekshms@hotmail.com

Daniel Cervantes Angulo Vilarinho (UFT)

advcervantes@hotmail.com

Wallace Rodrigues (UFT)

walace@uft.edu.br

RESUMO

Este artigo tenta exemplificar algumas vias a serem trilhadas para a reforma do pensamento à luz da teoria da complexidade. Busca-se elucidar a necessidade de se ter uma visão holística e transdisciplinar entre os saberes e a realidade. À guisa de Morin ao afirmar de que mais vale uma cabeça bem-feita do que uma cabeça cheia, vem elucidar a necessidade de reformar o pensamento para que a humanidade possa superar as sucessivas fragmentações dos saberes que ocasionaram o distanciamento de ser humano de si mesmo e do mundo que o rodeia.

Palavras-chave:

Educação. Transformação. Teoria da complexidade.

1. Introdução

Este artigo foi idealizado a partir das aulas na disciplina de “Interdisciplinaridade e Formação Docente”, do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL) da Universidade Federal do Tocantins – UFT, campus de Araguaína. Este escrito se colocou, também, como um dos pré-requisitos para a aprovação em tal disciplina.

Este trabalho tem caráter exploratório e parte da utilização de bibliografia coerente com nossa discussão e de parte da bibliografia lida na referida disciplina. Buscamos, com este artigo, desenvolver algumas ideias basilares da teoria da complexidade e refletir sobre novas deiscências a serem realizadas na educação a partir da mutação do pensamento do sujeito, tendo em vista pensadores tais como Edgar Morin, João Batista Libanio, Humberto Mariotti, Lipovetsky entre outros.

Destarte, neste artigo temos o intento de elucidar que o novo paradigma da complexidade traz consigo uma nova visão da realidade que se

baseia na consciência do estado de inter-relação e interdependência essencial de todos os fenômenos – físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Essa nova postura epistemológica torna-se um imperativo que, sem a qual, não poderemos evoluir, nem sobreviver em um mundo hipermoderno.

2. *Aprender a desformar-se*

Libanio (2002, p. 11) dirá que a palavra “‘formar’ esconde dentro de si ‘forma’ ou, se quisermos, o termo mais forte ‘fôrma’”. Nos dois casos está a ideia de que existe um molde anterior a ser aplicado no aluno”. O que aqui propomos é justamente repensar as fôrmas nas quais nossas mentes foram forçadas a se adaptarem. A forma reflexiva desformar-se denota um duplo movimento: tanto de tomar em nossas mãos o próprio desenvolvimento e destino de nossas vidas, quanto o de ressignificar o ensino.

Este, por seu turno, “não é transmitir um mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar de aberto e livre”. (MORIN, 1998, p. 11). Neste sentido, devemos aprender a adaptar-se. Com outras palavras, implica mudar o modo de pensar. Mariotti (2010, p. 3) dirá que “é muito mais do que uma questão de atualizar-se: é um imperativo de sobrevivência.”

Se partirmos do pressuposto de que algo foi construído, esse algo poder ser desconstruído e reconstruído de outras formas. Poderemos, então, nos permitir a pensar a partir das incertezas, ao invés das certezas, o que significa que pensar que vivemos em um mundo sem erros e incertezas é uma mera ilusão. Pois a realidade cotidiana é tão somente construída por meio de nossas redes de reflexão e diálogo. Sendo assim, esse será o meio para realizarmos nossa *μετανοεῖν*, metanóia, ou seja, mudança de pensamento. “É assim que se muda o modo de pensar” (MARIOTTI, 2010, p. 4).

Mas para isso, teremos que superar desafios quase que abissais impostos pela lógica da hiperespecialização que nos impede de ver o global, que é fragmentada, bem como o essencial, que é diluída. Para tanto, dirá Morin (1998, p. 14) que “a inteligência que só sabe separar fragmenta o complexo do mundo em pedaços separados, fraciona os problemas, unidimensionaliza o multidimensional. Atrofia as possibilidades de compreensão e de reflexão”.

Não é intento fácil mudar essa lógica, uma vez que no mundo real, as mudanças de hábitos de pensamento se fazem de maneira peculiar por meio da reflexão e discussão de ideias resultantes da força pessoal do querer empenhar-se neste propósito. Para isso teremos que adquirir algumas competências, à guisa de exemplo, tais como: aprender a analisar e a sintetizar, capacidade de relacionar e saber viver na incerteza. Vejamos brevemente cada uma delas.

Pensar é analisar e sintetizar, separar e unir. Dirá Libanio (2002, p. 28) que “o pensamento atual acentua demasiadamente a análise. Em busca de equilíbrio, cabe insistir na síntese, na ligação entre os pensamentos, num pensar incluso, nas relações inter-retro-para-frente.” A inteligência analítica busca compreender em que um fenômeno não é outro. Busca-se os pontos antagônicos, aumenta a bivalência e com isso crescem os pontos cegos que impedem ver a interseção dos conhecimentos e da realidade como um todo. Por outro lado, o pensamento sintético “tenta recuperar dessas análises os pontos de comunhão, de aproximação” (LIBANIO, 2002, p. 29).

Na diferença, dirá o autor, sempre há uma igualdade radical. E ter a capacidade de encontrá-la revela um lado inclusivo da nossa inteligência, tão banalizada hodiernamente. Sendo assim, na análise um não é o outros, há apenas separação, exclusão e extremos. Na síntese, um é outro, embora sob perspectivas diferentes. Abre-se para o horizonte *complexus*, ou seja, aquilo que é tecido junto e da dialética. Habituar-se ao *sic et non*, sim e não, é vir menos os exageros, as infecções ideológicas, os fanatismos, os dogmatismos e os extremismos “bolsonarianos”. Todos esses males provêm da incapacidade de distinguir e unir, analisar e sintetizar.

Essa primazia analítica chega ao seu extremo no assim chamado hiperindividualismo. Lipovestky e Serroy (2011, p. 31) ao descreverem as características da hipermodernidade, deixam evidente de que a desorientação contemporânea não resulta mais apenas da depreciação dos valores superiores e da ruína dos fundamentos metafísicos do saber, da lei e do poder, “mas da desintegração dos pontos de referência sociais comuns, mais básicos, provocada pela nova reorganização do mundo, hipermoderno desfragmentado”.

Desta maneira, o individualismo constitui um sistema de valores que põe o indivíduo livre e igual como valor central de nossa cultura, como fundamento da ordem social e política. A luta pelo bem comum dá lugar unicamente ao próprio bem, alimentando, assim, os extremismos e enfra-

quecendo as relações.

A arte de pensar desenvolve-se pela nossa capacidade de relação. Pensar é saber relacionar. Neste sentido Libanio (2002) nos dirá que:

Relacionar é superar uma visão dualista que pensa o mundo sempre divididamente entre sujeito e objeto, material e espiritual, natureza e cultura, ser humano e mundo, razão e emoção, feminino e masculino, mente e corpo, imanência e transcendência, ação e contemplação etc. Positivamente, significa articular o máximo possível esses polos. (LIBANIO, 2002, p. 31)

Neste sentido, devemos superar essas dicotomias da influência do paradigma tradicional produzido pela educação, infelizmente, ainda vigente e irmos na direção de que o relacionar do pensar corresponde ao relacionar da própria realidade. Mesmo que hoje em dia há várias forças em curso em prol de ciências que nos obrigam a pensar de maneira relacional; mesmo que haja um novo modo de fazer ciência e estarmos vivendo uma segunda revolução científica, que leva a ligar, a contextualizar e globalizar os conhecimentos, mesmo assim o paradigma tradicional ou newtoniano-cartesiano predomina nos modelos educacionais atuais. Vejamos algumas características pontuais desse paradigma segundo Behrens e Oliari (2007):

O paradigma tradicional ou newtoniano-cartesiano levou a fragmentação do conhecimento e a supervalorização da visão racional. Nesse sentido, propôs a primazia da razão sobre a emoção, especialmente, para atender a coerência lógica nas teorias e a eliminação da imprecisão, da ambigüidade e da contradição dos discursos científicos. A fragmentação atingiu as Ciências e, por consequência, a Educação, dividindo o conhecimento em áreas, cursos e disciplinas. As instituições, em especial as educacionais, passaram a ser organizadas em departamentos estanques, no qual emergem os especialistas, considerados pela sociedade como os detentores do saber. Neste processo reducionista, criam-se as especialidades em uma única área do conhecimento. (BEHRENS; OLARI, 2007, p. 59-60)

Além do que foi dito acima, vale pontuar que o paradigma tradicional traz consigo vantagens e desvantagens, ainda de acordo com Behrens e Oliari (2007) as principais vantagens foram: possibilitou o desenvolvimento científico-tecnológico atual, além de propiciar os grandes saltos evolutivos na história das civilizações. Neste contexto, permitiu também a democratização dos conhecimentos, seja pelas técnicas extremamente eficazes para a construção de novos conhecimentos ou pela presença de um espírito científico de investigação aberta.

Sendo assim, o pensamento dotado de clareza, de organização e de objetividade propiciou a validação científica e pública do conhecimento.

Em contrapartida, as principais desvantagens foram: a perda do processo de humanização, pois os alunos e os professores passaram a ser vistos como máquinas ou como partes de uma engrenagem; perdeu-se em termos de sensibilidade, estética, sentimentos e valores; gerou-se uma concepção de vida em sociedade pautada na competitividade, no isolamento, no individualismo e no materialismo desenfreado.

Assim sendo, a crença no progresso material a ser alcançado pelo crescimento econômico e tecnológico como fim em si mesmo não considerou as consequências para a sociedade, a natureza e o próprio ser humano. Enfim, para superarmos todas essas dicotomias produzidas pelo paradigma educacional tradicional, teremos que tomar duas atitudes fundamentais: perguntar e relacionar. Libanio (2002, p. 41) dirá que “aprender a relacionar e a pensar é saber-se fazer não simples perguntas informativas, mas importantes, básicas, que desencadeiam o pensar. Perguntas que tocam temas fundamentais do conhecimento e do ser humano”.

Neste sentido, a filosofia assume um papel basilar na construção da consciência crítica do indivíduo. Assegura Morin (1998, p. 23) que “a filosofia deve contribuir eminentemente para o desenvolvimento do espírito problematizador. A filosofia é, acima de tudo, uma força de interrogação e de reflexão, dirigida para os grandes problemas do conhecimento e da condição humana.” Vivemos em uma realidade na qual o conhecimento além de ser hiperespecializado, é também, deveras desconexo. Uma cabeça bem-feita e filosófica apta para organizar e distinguir os conhecimentos é fundamental para se evitar um acúmulo estéril e desumano. Afinal, conhecer o ser humano não é separá-lo *δοκόσμος*, universo, mas sim, situá-lo nele.

De acordo com Behrens e Oliari (2007), o paradigma tradicional começa a ser questionado no início do século XX e acelera a ruptura com ênfase nas suas últimas décadas dando lugar ao paradigma da complexidade.

O surgimento do paradigma emergente ou da complexidade tem como foco a visão do ser complexo e integral. A proposta da nova visão depende do avanço do paradigma da ciência que impulsiona a revisão do processo fragmentado do conhecimento na busca de reintegração do todo. (BEHRENS; OLARI, 2007, p. 61)

O que leva à mudança de paradigma? Um mundo repleto de incertezas, de contradições, de paradoxos, de conflitos e de desafios que levam ao reconhecimento da necessidade de uma visão complexa do mundo, de si

mesmo e dos outros. Essa visão significa desformar-se dos paradigmas tradicionais e renunciar ao posicionamento estanque, reducionista, preconceituosa, dogmática da realidade. Faz-se necessário assumir uma nova postura filosófica sobre a percepção para repensar e rever a realidade com uma dose de relatividade para compreendermos melhor a facticidade que emerge nestes tempos de liquidez e excessos. Como dirá Merleau-Ponty (2011, p. 1) “a fenomenologia é uma filosofia que repõe a essência na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua ‘facticidade’”.

3. A hipermodernidade líquida

Diante dos desafios surgidos durante todo o processo de desfrAGMENTAÇÃO em que o Ocidente está imerso e vive de maneira lancinante, reconhecido pelo que chamará Bauman (2009) de modernidade líquida, Lipovestky e Serroy (2011) de hipermodernidade, a mudança de atitude e pensamento é uma questão não apenas de adaptação, mas de sobrevivência. E as resistências são as mais diversas possíveis como dirá Mariotti (2010):

Em geral as pessoas só mudam de atitude quando submetidas a experiências traumáticas de grandes proporções. Entretanto, algumas modificações também podem ser deflagradas por *insights* poderosos. Para o surgimento de um *insights* é preciso receptividade, a adoção de uma postura de menor resistência ao novo, à diferença. Do contrário, nada acontecerá. (MARIOTTI, 2010, p. 200)

Nos dizeres de Bauman (2009, p. 7), a única certeza que temos é a incerteza, a mudança é a única coisa que permanece e que o velho já se foi, todavia, não temos ainda a forma do novo. Neste sentido, dirá ele que “a vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer por muito tempo”. Essa nova forma de vida recai, do princípio ao fim, na ênfase em esquecer, apagar, desistir e substituir. A vida líquida, em suma, é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante. O que, por sua vez, Lipovestky e Serroy (2011), chamarão de desorientação contemporânea:

A desorientação contemporânea não resulta mais apenas da depreciação dos valores superiores e da ruína dos fundamentos metafísicos do saber, da lei e do poder, mas da desintegração dos pontos de referência sociais comuns, mais ‘básicos’, provocada pela nova reorganização do mundo. Na verdade, o desnorteio hipermoderno aumenta paralelamente com a excrecência do universo tecno-midiático-mercantil e com o estilhamento dos

enquadramentos coletivos, a individualização da existência, deixando os indivíduos à mercê de si mesmo. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 33-4)

Neste sentido asseveramos, como possibilidade possível para superar esse bívio hodierno, que o paradigma da complexidade oferece uma visão doser humano indiviso, que participa da construção do conhecimento não só pelo uso da razão, mas de outras áreas intelectivas como as emoções, os sentimentos e as intuições. Com isso, torna-se urgente que as estruturas do funcionamento educacional incluam o uso dos conceitos de inter, pluri e transdisciplinar. Para Alarcão (2001):

Novamente, é a volta a esse círculo que se dobra e desdobra indefinidamente em espiral entre cada ponto de partida e de chegada, possibilitando, assim, novos ângulos de visão, de representação e, eventualmente, a partir de diferentes níveis de realidade e a aconselhar abordagens mais inter, pluri, e transdisciplinares, tanto ao nível da análise quanto da sua compreensão científica e filosófica. É justamente na razão dessa diferença que uma nova racionalidade possibilita que a mudança aconteça e lance-nos para o futuro em um movimento crescente e aceleração imparável. (ALARCÃO, 2001, p. 54)

Sendo assim, na educação, o resgate pleno do ser humano, numa visão paradigmática da complexidade, implica na expressão de novas formas de solidariedade e cooperação nas relações humanas. De acordo com Assmann e MoSung (2001), tanto a solidariedade como a educação são como dois grandes braços para resgatar a humanidade do processo de desumanização, pois, para eles, ainda é possível revertermos este quadro de desesperança e este abismo de exclusão no qual estamos todos mergulhados. Entre as tantas propostas que eles nos apresentam, uma delas é a reorganização do modo de aprender, viver, conviver e o modo de ver o outro. E isso se dará por meio de uma educação voltada para a solidariedade e a esperança.

É urgente que tenhamos um sistema educacional com uma proposta pedagógica que reconheça a diversidade de fenômenos da natureza e o ser humano como um indivíduo com multidimensionalidades, ou seja, dotado de múltiplas inteligências e com diferentes estilos de aprendizagens. Nesse sentido, a formação docente precisa reconhecer o processo de aprendizagem complexa, envolvendo no ensino os aspectos físicos, biológicos, mentais, psicológicos, estéticos, culturais, sociais e espirituais, entre tantos outros. Afinal, dirá Mariotti (2010, p. 201) que “o que mais limita o ser humano não é a falta de recursos naturais, mas sim o subdesenvolvimento da imaginação. É importante compreender o papel e a localização do ser humano e sua inteligência, não apenas numa determinada cultura, mas em todo mundo”.

Os principais elementos do processo de rompimento com o velho paradigma, quais sejam a educação e o educador, merecem ser repensados com vistas à sua adequação ao mundo pós-moderno e nos moldes da teoria da complexidade de Edgar Morin para fazer sentido aos discentes e também para afastarem a sina de uma educação obsoleta que não é eficaz para responder as grandes questões globais e humanas, a fim de que sejam socialmente relevantes, cumprindo assim, o papel de produzir um saber autônomo e uma universidade mais cidadã.

Morin (*Apud* VALLEJO-GOMEZ, 1998) entende que, o papel fundamental da educação está dividido em quatro colunas basilares, onde o primeiro corresponde ao ato de ensinar, que não pressupõe apenas em passar conteúdos e sim organizá-los em função dos pontos fundamentais, ou seja, é melhor ter uma mente clara com capacidade de raciocínio do que uma mente abarrotada de conteúdo sem qualquer aplicação, segue afirmando que, ensinar é entender nossa condição humana, também entende ser de fundamental relevância, ensinar a viver valorizando as experiências, aprendendo também com os demais e consigo mesmo, por fim, também é papel da educação formar cidadãos globais, que pensem na terra como um todo através de um novo humanismo.

O que tem a ver a interdisciplinaridade com a complexidade? É imprescindível o pensamento complexo para definirmos um objeto, e para buscarmos seu rumo e sua compreensão interdisciplinar. Mas a interdisciplinaridade não configura uma teoria específica: ela é uma estratégia. O conhecimento se constrói com uma visão complexa de um investigador ou como uma rede de pesquisadores. É preciso diálogo, articulação de fragmentos disciplinares, como menciona Habermas. (MINAYO, 2010, p. 441)

Neste contexto, o novo paradigma educacional precisa recuperar o equilíbrio entre a intuição e a razão, propondo um ensino e aprendizagem que leve à visão de uma nova realidade, à produção de conhecimento autônomo, consciência crítica e a construção de uma sociedade mais justa, solidária, fraterna, amorosa e em última análise, mais humana. Que possa superar, segundo Lipovestky e Serroy (2011, p. 56) um dos paradoxos hipermodernos de que “jamais a humanidade os homens tiveram tanta possibilidade de estar conectados uns com os outros pelas redes de comunicação e jamais tiveram um sentimento tão forte de isolamento”. O hiperindividualismo traz consigo o oposto do amor, isto é, a indiferença. Como ninguém nasce humano, mas torna-se humano dentro de um contexto cultural comunitário, uma educação que ensine os valores de fraternidade, igualdade, justiça e respeito, torna-se imprescindível para criar pontos de mutação para uma

nova realidade humana. Constantemente temos que reordenar os caminhos de nossa espécie para que não percamos a nossa humanidade. Steven Pinker (1998) em seu desconcertante livro intitulado *Como a Mente Funciona*, definirá assim o ser humano:

Um animal tão absorto na contemplação extasiante do que ele julga ser que se descuida do que indubitavelmente deveria ser. Sua principal ocupação é o extermínio de outros animais e de sua própria espécie, a qual, entretanto, multiplica-se com rapidez tão insistente que infesta todas as áreas habitáveis do planeta. (PINKER 1998, p. 200)

Enfim, para que o ser humano não se torne cada vez mais *lupus est homo homini lupus*, devemos deixar claro de que o novo paradigma da complexidade traz consigo uma nova visão da realidade que se baseia na consciência do estado de inter-relação e interdependência essencial de todos os fenômenos – físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Essa visão transcende as atuais fronteiras disciplinares e conceituais e será explorada no âmbito de novas instituições.

Segundo Capra (2006, p. 244), “não existe, no presente momento, uma estrutura bem estabelecida que acomode a formulação do novo paradigma, mas as linhas mestras de tal estrutura já estão sendo formuladas por muitos indivíduos e organizações que estão desenvolvendo novas formas de pensamentos e princípios”. Este artigo reflete bem essa nova postura acadêmica, na qual a disciplina “Interdisciplinaridade e Formação Docente”, bem refletiu e deixou evidente de que já estamos em movimento para melhor compreender essa nova realidade complexa na hipermodernidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALARCÃO, Isabel. *Escola reflexiva e nova racionalidade*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- ASSMANN, Hugo; MO SUNG, Jung. *Competência e sensibilidade solidárias*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BAUMAN, Sigmunt. *Vida líquida*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BEHRENS, Marilda Aparecida; OLIARI, Anadir Luiza Thomé. A evolução dos paradigmas na educação: do pensamento científico tradicional à complexidade. In: *Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 53-66, set./dez. 2007.
- CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 2006.

LIBANIO, João Batista. *A arte de formar-se*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

LIPOVETSKY, Gilles e SERROY, Jean. *A cultura-mundo: respostas a uma sociedade desorientada*. Trad. de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MARIOTTI, Humberto. *Pensando diferente: como lidar com a complexidade, a incerteza e a ilusão*. São Paulo: Atlas, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins fontes, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Disciplinaridade, interdisciplinaridade e complexidade. In: *Revista Emancipação*, v. 10, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/1937/1880>>. Acesso em: 28 jul. 2018.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. *Amor, poesia e sabedoria*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

PINKER, Steven. *Como a mente funciona*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

RODRIGUES, Wallace. Verbivocovisualidades: a poesia concreta do grupo Noigandres e as monotípias de Mira Schendel. In: *Palíndromo*. Teoria e História da Arte, UDESC, n. 6, p. 159-181, 2011.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O pequeno príncipe*. Porto Alegre: L&PM, 2015.

VALLEJO-GOMEZ, Nelson. Entrevista com Edgar Morin: educar para um nuevo humanismo. 1998. Disponível em: <http://nelsonvallejogomez.org/public/Notas_La_Patria/Educacion_para_un_nuevo_humanismo0001.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2018.